





Querida Família



Estamos passando por um momento delicado, o qual envolve a saúde de todos, sem exceção.

Por isso, a contribuição de cada um é muito importante para que voltemos às nossas atividades normais na escola.

Tendo em vista que os estudantes ficarão em casa por um certo tempo, elaboramos algumas sugestões para inspirá-los na nova rotina.

Entendemos que manter uma rotina criativa ajudará, e muito, no retorno das atividades em sala de aula posteriormente.

Vamos juntos embarcar nessa aventura?





Geografia

Olá, querido(a) estudante! Tudo bem contigo?

Estudamos a Europa nas suas diversas divisões regionais. Hoje iniciaremos um novo estudo a respeito desse continente, destacando sua diversidade étnica e cultural. Para iniciarmos esse estudo, porém, de modo a fazer uma associação entre Geografia e História, faremos a leitura de uma matéria publicada no *site* da BBC, tratando as diversas etnias que sempre povoaram a Europa, desde tempos remotos.

Antes de iniciar sua leitura, contudo, já deixa a seu lado caderno e caneta, para que você possa construir um texto que te ajudará na apreensão desse conteúdo. Esse texto pode ser qualquer um que melhor te ajude a estudar; pode ser um mapa mental, um resumo esquemático, uma resenha... Vale aqui estudar e aprender.

Ao final do estudo, combine com colegas da sua turma, ou mesmo amigos que se interessem pelo tema, e discuta sobre o conteúdo do texto, buscando sempre associá-lo à sua realidade.

Vamos lá, então?

A matéria segue na íntegra, porém, caso prefira, você poderá acessá-la diretamente no *site* da BBC por meio do *link* disponibilizado logo após o texto.

Boa leitura e bom estudo!

Europa sempre foi povoada por diversas etnias, ao contrário do que pensam supremacistas brancos

A Europa vive momentos de tensão xenófoba. Mas, conforme indicam pesquisadores, diferentemente do que os supremacistas brancos costumam repetir, o continente não era um reduto exclusivo de caucasianos que só passou a receber imigrantes de outras etnias nas últimas décadas.

“Mas é importante ter em mente que ‘raça’ é uma construção social e com um contexto histórico específico”, disse à BBC News Brasil a pesquisadora Molly Bassett, professora da Universidade do Estado da Georgia e autora do livro *The Fate of Earthly Things*.

O historiador português Francisco Bethencourt, professor do King’s College de Londres e autor de *Racismos: das Cruzadas ao século 20*, defende que sempre houve múltiplos povos convivendo no continente.

“A variedade de etnias existia na Europa desde a pré-história, com intensas migrações da Ásia, mas também do Oriente Médio no período clássico, grego

e romano. O tráfico de escravos da África era dirigido ao Oriente Médio mas também para a Europa”, afirmou à reportagem. Segundo ele, havia preconceito étnico difundido, mas a ação discriminatória era esporádica. “Na minha perspectiva, é a combinação desses dois elementos que define racismo.”

“A expansão europeia trouxe consigo projetos políticos de conquista e controle de mercados que tornaram o racismo mais visível, embora a colonização interna europeia (no Norte e nas periferias, nomeadamente na Irlanda, na Península Ibérica e na Península Itálica) tenha mostrado tendências discriminatórias semelhantes”, comenta o historiador.

Pesquisadores estimam que, no auge econômico de Lisboa, no século 16, um décimo da população da capital portuguesa era composta por negros. E eles estavam inseridos na sociedade, ocupando diversos papéis. Havia escravos? Provavelmente, sim. Mas também havia negros que atuavam como respeitados cavaleiros e, principalmente, com funções comuns da sociedade - pequenos comerciantes, carregadores etc.

No livro *O Mito das Nações: A Invenção do Nacionalismo*, o historiador Patrick Geary, professor da Universidade da Califórnia, deixa claro como é extremamente difícil considerar qualquer grupo medieval como etnicamente consistente.

A historiadora Pamela Patton, da Universidade Princeton, faz uma observação importante: é preciso considerar também a maneira como os europeus medievais definiam a raça.

“Exceto quando se deparou com pessoas com aparências muito diversas das deles, como os africanos subsaarianos, os europeus tendiam a olhar mais para as práticas culturais, como religião e linguagem, do que para características biológicas ou físicas.”

Na Rússia, também havia negros muitos anos antes da globalização contemporânea. “O escritor russo Alexandre Pushkin, que viveu entre 1799 e 1837, era descendente de um negro da corte de Pedro, o Grande, Abram Petrovich Gannibal”, disse o historiador e escritor Paulo Rezzutti à BBC News Brasil, citando o czar Pedro 1º, que governou a Rússia entre 1682 e 1721.

Gannibal, que viveu entre 1696 e 1781, é considerado um dos primeiros intelectuais negros da Europa. Chegou como escravo e se tornou governador.

“Ele chegou lá como escravo e virou governador e uma das mentes mais respeitadas da Europa”, conta Rezzutti.

A construção do racismo

Pensadores gregos antigos como Heródoto e romanos, como Plínio, o Velho, já escreviam sobre diferenças de aparência, linguagem e costumes entre os povos do mundo”, explica Patton, de Princeton.

No império romano, o preconceito estava ligado à linhagem e ascendência. Até havia uma ideia pejorativa do negro, considerado um povo “queimado pelo sol”.

“Porém, não existem provas de uma discriminação sistemática contra etnias específicas”, afirmam Bethencourt, em seu livro sobre o assunto. “Pelo contrário, os romanos eram relativamente generosos na atribuição de cidadania”.

Por outro lado, o nomadismo já era malvisto. Os antigos gregos e romanos tinham uma teoria

ambiental: projetavam nos outros povos a discussão sobre a autoctonia. Os atenienses, por exemplo, “defendiam ter ocupado desde sempre o mesmo território, sendo, por isso mesmo, de ascendência pura”, diz o livro *Racismos*.

O conceito de ascendência trazia uma carga semântica importante: a ligação entre sangue e solo, a identidade baseada na aparência, na língua e nos costumes, uma definição própria de povo.

“Isso queria dizer que os descendentes dos sírios, por exemplo, teriam em si as características físicas e mentais básicas dos antepassados, mesmo nascendo no estrangeiro”, afirma o livro.

A Idade Média, com a expansão islâmica até a Península Ibérica, entre os anos 632 e 732, trouxe consigo a noção do outro.

“A aparência física, como a cor da pele (branca, preta, castanha ou vermelha), a forma dos olhos (redondos os amendoados) ou do nariz (comprido, largo ou achatado), o tipo de cabelo e a escassez ou abundância de pilosidades faciais, era usada para identificar os povos, definindo os principais estereótipos

desenvolvidos mais tarde”, aponta o autor.

“Já se contrastavam os africanos negros com o resto da humanidade, classificando-os como selvagens, supostamente indolentes e possuidores de uma inteligência inferior.”

Diferenças étnicas

O geógrafo iraquiano Jahiz de Baçorá (776-869) foi uma voz dissonante sob um prisma invertido. Para ele, havia uma superioridade dos negros em relação aos brancos.

A ideia de ver o etnicamente diferente como inimigo se acentuou entre os séculos 11 e 13, justamente no auge das Cruzadas. Foi um momento de contato intenso entre Europa Ocidental e Oriente Médio - com emigração de 200 mil pessoas do Ocidente para o Oriente.

“A identificação religiosa e étnica tornou-se essencial para a sobrevivência diária”, pontua o livro *Racismos*. “Tipos físicos, modos de vestir e/ou penteados associados a crenças religiosas tornaram-se os critérios óbvios para a identificação, o primeiro passo na avaliação dos diferentes povos. Num mundo em

perigo e em constante mudança, os estereótipos visuais serviam para identificar ameaças e para ajudar os indivíduos a se sentirem seguros.”

No século 12, a noção de que etnias diferentes habitavam lugares diferentes da Terra estava clara. Foi quando as figuras bíblicas dos três reis magos começaram a ganhar os contornos atuais, sendo cada qual deles o “representante” de um dos povos. Melchior é identificado como um europeu. Gaspar passa a ser retratado como um asiático. E Baltazar, aludindo à África, atravessa um processo de escurecimento - primeiro aparece com a pele trigueira e, a partir do século 13, torna-se negro.

O racismo, com as características semelhantes ao que existe hoje, surgiu com expansão europeia, justamente, conforme frisa Bethancourt, com a combinação de preconceitos étnicos e ações discriminatórias.

“Tratava-se, então, de monopolizar recursos econômicos, sociais e políticos”, diz, acerca do processo acentuado pela religião.

“A luta pela hegemonia religiosa teve seu papel na criação de ‘inimigos étnicos’. Enquanto a religião

judaica fornecia a base de uma comunidade nacional através de fronteiras ainda mal definidas, a religião muçulmana tinha uma enorme variedade étnica que foi de certa forma racializada pela comunidade cristã”, afirma Bethencourt.

Nazismo

Mas certamente em nenhuma outra época do mundo as diferenças raciais foram tão violentamente abordadas quanto durante o regime nazista de Adolf Hitler (1889-1945). O historiador e filósofo Yuval Noah Harari aborda o tema em seu livro *Sapiens - Uma Breve História da Humanidade*.

“O *Homo sapiens* já havia se dividido em várias raças distintas, cada uma com suas qualidades únicas. Uma dessas raças, a raça ariana, tinha as melhores qualidades - racionalismo, beleza, integridade, diligência. A raça ariana, portanto, tinha o potencial de transformar o homem em super-homem”, afirma o autor sobre a ideologia nazista.

Segundo ele, os arianos afirmavam que a procriação entre raças condenaria o *Homo sapiens* à extinção. Mas a ciência refutou esse pensamento a partir

da Segunda Guerra Mundial, mostrando que as diferenças entre as várias linhagens humanas são muito menores do que os nazistas argumentavam.

“Mas essas conclusões são relativamente novas. Dado o estado do conhecimento científicos de 1933, as crenças nazistas dificilmente estavam em dissonância com o pensamento da época. A existência de raças humanas diferentes, a superioridade da raça branca e a necessidade de proteger e cultivar essa raça superior foram crenças amplamente aceitas pela maior parte das elites ocidentais”, ressalta o historiador.

Acadêmicos de universidades ocidentais das mais prestigiosas usaram, inclusive, métodos científicos ortodoxos da época em estudos que supostamente comprovavam que “membros da raça branca eram mais inteligentes, mais éticos e mais habilidosos que africanos ou indianos”.

História da arte

Segundo o livro *Racismos*, “a elevação do africano negro ao status de santo e de rei mago abriu caminho à observação e à representação na Europa dos

africanos subsaarianos como pessoais reais nas suas funções comuns de escravos, servos ou soldados”.

“Mas o auge dessa nova tendência para a representação relativamente neutra dos negros terá sido atingido com Hieronymus Bosch, por volta de 1510, no quadro mais tarde intitulado *A Variedade do Mundo* ou *O Jardim das Delícias Terrenas*, em que negros surgiam representados entre dezenas de outros indivíduos nus, sem nenhuma desonra aparente.”

De acordo com Bethencourt, “essa nova visão não desafiava os grandes estereótipos alimentados pelo tradicional significado simbólico dado na Europa ao preto como cor, usado para expressar pecado, mal, trevas, imundície, infidelidade, luto, penitência, infortúnio ou fealdade”.

Pamelal Patton, historiadora de Princeton, defende a utilidade das representações artísticas para mostrar como a sociedade medieval se via e se compreendia. “É importante lembrar que também aqui a maneira como as imagens transmitiam suas mensagens dependia muito das atitudes que predominavam no tempo e no lugar em que eram feitos.”

“Assim, uma figura de pele escura retratada em um manuscrito medieval poderia ter sido entendida por seus espectadores como um servo, um muçulmano ou um rei; um judeu pode ser retratado como fisicamente idêntico às figuras cristãs ao lado dele ou como uma dura caricatura; um mongol pode ser descrito como um cortesão sofisticado ou um canibal sedento de sangue.” Para ela, a análise das obras em seus contextos específicos dão diversos indicativos das atitudes das pessoas em relação às diferenças

humanas. Essa é a essência do projeto MedievalPOC – People of Color in European Art History (pessoas de cor na história da arte europeia), disponível no Twitter e no Tumblr.

“Durante toda a história da Europa, pessoas de cor estiveram presentes em vários lugares, em vários momentos - alguns como visitantes, alguns como residentes, e obras de arte de suas épocas fornecem evidências disso”, pontua o autor anônimo do projeto.

Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-46097350>>. Acesso em: 22 maio 2020.



Geografia



Obra-prima de Bosch mostra negros 'representados entre dezenas de outros indivíduos nus, sem nenhuma desonra aparente (DOMÍNIO PÚBLICO)

Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-46097350>>. Acesso em: 22 maio 2020.

Geografia



Pesquisadores calculam que, no século 16, um décimo da população de Lisboa era negra (DOMÍNIO PÚBLICO)

Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-46097350>>. Acesso em: 22 maio 2020.



E então? Gostou da discussão sobre etnia e diversidade étnica? No nosso próximo encontro, avançaremos no nosso conteúdo.

Que bom ter a sua companhia nesta viagem do conhecimento! Por hoje é só! Veja o que estudaremos na quarta-feira:

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
História	Geografia	Matemática	Língua Portuguesa	Ciências
				Língua Inglesa

Am²

Até lá!

